

**UEMS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA – LICENCIATURA**

**LEANDRO BERNARDES FELICIANO**

**A DANÇA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS**

Campo Grande, MS  
DEZEMBRO - 2015

**LEANDRO BERNARDES FELICIANO**

**A DANÇA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de Artigo Científico à disciplina de Itinerários Científicos IV, ministrada pelo professor Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira, como requisito parcial para conclusão da disciplina do 4º ano do curso de Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande, MS  
DEZEMBRO – 2015

# A DANÇA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS

Leandro Bernardes Feliciano<sup>1</sup>, Marcos Antônio Bessa-Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa é investigar se a linguagem artística da dança é utilizada nas igrejas cristãs evangélicas brasileiras. Desde a Idade Média foi ensinado que a expressividade do corpo através da dança não agradava a Deus e, por isso, essa manifestação foi considerada profana, sensual e escandalosa. Tal ensinamento contaminou o consciente dos religiosos e os fizeram negar a dança por vários séculos. Somente nas últimas décadas, a dança retornou para dentro das igrejas. Observando apresentações nos templos religiosos, percebe-se que, para muitas congregações, a dança deve limitar-se ao louvor e adoração; dança litúrgica e evangelística. Destinada aos artistas cristãos que visam qualidade e excelência em seus trabalhos artísticos, através de revisão bibliográfica ainda bastante restrita sobre o assunto, esta pesquisa fará um estudo comparativo das passagens bíblicas onde a dança aparece, descreverá alguns dos diferentes conceitos das danças realizadas nas igrejas e mostrará que é possível relacionar as características artísticas da dança a alguns conceitos na dança cristã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião; dança; igreja.

## INTRODUÇÃO

Desde o início da história da humanidade, o ser humano sempre apresentou a necessidade de se aproximar de algum ser superior. Em muitas religiões, esse relacionamento ocorre também por meio da dança. A religião cristã evangélica deposita sua crença em um único Deus, considerado como o criador de todas as coisas e que enviou seu filho Jesus Cristo ao mundo para salvar a humanidade do pecado. No entanto, se analisarmos o papel da dança dentro das igrejas cristãs evangélicas, encontraremos polêmica e divergência de opiniões: as igrejas tradicionais consideram extremamente negativa a atividade do corpo; já as igrejas pentecostais (renovadas) não só aceitam como reconhecem a dança como forte veículo de adoração e evangelismo dentro de seus cultos.

Qual o motivo desta oposição, visto que ambos os seguimentos têm como referência a leitura da Bíblia? Através de pesquisa bibliográfica e bíblica, tentaremos mostrar que a dança pode permanecer inserida na Igreja Evangélica, tendo em vista uma manifestação religiosa, mas também artística. Por ser a dança uma linguagem artística, nos perguntamos: a dança presente nos

---

<sup>1</sup> Graduando do quarto ano do curso de Artes Cênicas e Dança da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Doutor em Artes Visuais pela IA/Unicamp, mestre em Estudos de Linguagens e graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal

templos religiosos pode ser considerada arte? Analisando o aumento significativo de igrejas evangélicas que utilizam a dança em seus cultos, torna-se importante compreender como essa linguagem artística está sendo aplicada (ou mesmo se está).

Como a bibliografia sobre dança nas igrejas ainda é bastante restrita, procuramos explorar esse tema tendo como base teórica a leitura de artigos científicos e dissertações de profissionais que atuam nessa área e verificar as principais características de alguns indivíduos e grupos que realizam essa atividade. Os conceitos religiosos são prioridades absolutas nesse tipo de dança. Então, buscaremos entender como essa religiosidade é expressa nas práticas dos bailarinos, para compreender a dança religiosa enquanto expressão artística.

Inicialmente, apresentaremos como a dança é mostrada em algumas das diversas passagens dos livros da Bíblia. Posteriormente, procuraremos investigar o histórico da dança dentro das instituições religiosas e seus valores culturais ao destacar momentos importantes como quando a Igreja Católica Apostólica Romana proibiu a atividade do corpo entre seus fiéis. Em seguida, abordaremos alguns dos conceitos já elaborados sobre a dança enquanto linguagem dentro das igrejas, como a dança litúrgica e a evangelística. Finalmente, buscaremos compreender como a linguagem artística tem sido utilizada dentro das igrejas evangélicas, verificando quais dessas práticas podem ser consideradas manifestações artísticas e de que perspectiva podemos pensar essa dança enquanto linguagem artística.

## **1 DANÇA CRISTÃ**

### **1.1 A Dança na Bíblia**

Uma divisão básica na linha do tempo da história separa-a em dois períodos: A.C (antes de Cristo) e D.C (depois de Cristo). Essa divisão destaca a importância simbólica da figura de Jesus Cristo no mundo. Os acontecimentos da vida de Jesus Cristo são narrados nos livros da Bíblia, ou Sagrada Escritura, como é conhecida pelos cristãos. Os 66 livros que compõem o livro religioso são divididos em duas partes: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Os livros do Antigo Testamento descrevem como o mundo foi criado; como o povo hebreu foi escolhido

como povo de Deus; como os grandes reis foram levantados e como travaram grandes guerras. Já os livros do Novo Testamento percorrem a vida de Jesus, seus primeiros milagres, como conquistou seus primeiros discípulos; sua morte e ressurreição e como foi o início da igreja.

Segundo a versão bíblica, o mundo foi criado por um único Deus (Jeová ou Javé<sup>3</sup>) e muitos povos habitaram o mundo desde sua criação até o nascimento do Cristo. Esses antigos povos utilizavam seus corpos para tudo, inclusive no intuito de cultuar a Deus. Segundo Gabriela Salvador (2010), o corpo era a única ferramenta de sobrevivência do homem e também seu único veículo de relação com os outros homens, com a natureza, com seus deuses e com todo o universo ao qual pertencia.

De modo semelhante, Djoni Schallenger (2012) aponta que as narrativas bíblicas, em especial as do Antigo Testamento, mostram que o então chamado povo de Deus dançava em suas festas numa atitude de celebração e agradecimento pelas graças alcançadas e em inúmeras outras situações. É possível perceber que a celebração sempre esteve presente no cotidiano do povo hebreu.

Ao todo, a Bíblia relata 28 passagens em que a dança esteve presente com diferentes funções e em diferentes contextos na vida das pessoas. Em algumas delas, o povo hebreu celebra com danças suas vitórias em guerras e cultivo das grandes colheitas; em outras passagens, a dança é mostrada como manifestações sociais e culturais; já em outras mais, sugerem a dança como fonte de manipulação sensual e adoração a outros deuses, o que evidencia a diferença entre dança sagrada e profana.

A primeira referência de dança sacra dentro da Bíblia aparece no livro de *Êxodo* 15,20: “Então Miriã, a profetisa, irmã de Arão, tomou na mão um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborim, e com danças” (BÍBLIA. 2000, p. 97). Essa passagem acontece logo após a travessia do Mar Vermelho, quando o povo de Israel se livra da escravidão do Egito e louva a Deus pela conquista da liberdade. Vemos aqui uma celebração coletiva de alegria perante ao povo.

Dentre os livros da Bíblia, o personagem que mais utilizou a dança como louvor e adoração foi o rei Davi. Este se tornou rei de Israel graças ao relacionamento íntimo que

---

Federal do Mato Grosso do Sul.

<sup>3</sup> *Jehováh*, original em hebraico.

mantinha com Deus. Em diversos versículos dos livros de *I Samuel*, *II Samuel* e *Salmos*, podemos observar Davi louvando com alegria. O Salmo 150 aconselha:

Louvai ao Senhor! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento do seu poder! Louvai-o pelos seus atos poderosos; louvai-o conforme a excelência da sua grandeza! Louvai-o ao som de trombeta; louvai-o com saltério e com harpa! Louvai-o com adufe e com danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flauta! Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos altissonantes! Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor! (BÍBLIA. 2000, p. 863).

É evidente que nesse trecho Davi considera que Deus se alegra da dança e da música enquanto louvor. O salmista aconselha a utilização de instrumentos musicais como trombeta, harpa, adufe (pandeiro), instrumentos de corda, flauta e címbalos (pratos de percussão), unindo a música às práticas da dança. Nesse sentido, para Schallenberger (2011), a presença de canções na Bíblia, além de sugerir a dança, abre possibilidades, inclusive, para novas interpretações das escrituras pela dança. São vários os tipos de canções que aparecem: de guerra, de luto, de casamento, de amor, de guarda, de insulto, de trabalho, de adoração, entre outras.

Tal divisão sugere, em cada uma delas, uma série de movimentos que poderiam interpretar tais situações, como esta: “Davi, vestindo um manto sacerdotal de linho, dançou com todo o entusiasmo em louvor a Deus, o SENHOR. E assim ele e todos os israelitas levaram a arca da aliança para Jerusalém, com gritos de alegria e sons de trombetas” (BÍBLIA. 2000, p. 431). Essa passagem do livro de *Samuel* reforça que a dança foi motivo de alegria entre o povo, uma vez que Davi dançou na presença de um grupo de pessoas durante um ritual.

Por outro lado, dentro das próprias escrituras sagradas, observamos também exemplos em que a dança foi utilizada com outros propósitos. No livro do *Êxodo* 32,19 lemos: “Chegando ele ao arraial e vendo o bezerro e as danças, acendeu-se-lhe a ira, e ele arremessou das mãos as tábuas, e as despedaçou ao pé do monte” (BÍBLIA. 2000, p. 122). Esse exemplo registra a dança sendo utilizada para cultuar a imagem de um bezerro construído de ouro. Para os cristãos, o ato de adorar outro que não seja Deus, é considerado idolatria e desobediência.

Em outra passagem, a dança é mostrada como fonte de sensualidade e manipulação. No Evangelho (livros bíblicos do Novo Testamento que narram a vida de Jesus Cristo), nas passagens de Mateus 14:1-12. Marcos 6:14-29 e Lucas 9:7-9, aparece uma jovem chamada Salomé, filha de Herodias, que se aproveita da embriaguez do rei Herodes e apresenta-se dançando em uma festa com a condição de que ele mate o profeta João Batista e ofereça sua

cabeça em uma bandeja. Vale mencionar que João Batista foi parente próximo de Jesus Cristo e havia ganhado o desafeto de Herodias.

As passagens destacadas revelam a diversidade de motivações que levavam esses diferentes povos e culturas a dançarem e reforçam a diferença entre dança sagrada e profana. A dança sagrada é ligada diretamente ao relacionamento entre indivíduo e Deus, enquanto que a profana é ligada à prática do pecado. Segundo a Bíblia pecado é tudo aquilo que nos distancia de Deus.

## **1.2 Momentos importantes na história da Dança Cristã**

A origem da igreja evangélica está ligada diretamente ao Cristianismo, atividade religiosa iniciada na civilização judaica posteriormente a morte de Jesus Cristo. Segundo Gomes (2012), a partir dos ensinamentos de Cristo, os apóstolos (discípulos de Jesus) começaram formar as primeiras comunidades cristãs - ou como é chamada Igreja primitiva – constituída sob três pilares: evangelização, fé e batismo. Entre os anos 70-140 d.C, a igreja começa a adentrar progressivamente em territórios Greco-romanos e passa a se reunir em grandes salões devido ao crescente número de féis. A igreja começa a influenciar de maneira significativa na vida dos numerosos adeptos. Renato Rodrigues (2014, p.26) diz que “[...] um grande marco nesse movimento cristão foi a conversão do imperador romano Constantino (288-337 d.C.).” Dos séculos IV até o século VIII, a Igreja sob o poder de Roma, agora denominada Igreja Católica Apostólica Romana, representada pelos bispos, introduz novos ritos às práticas religiosas adaptando a cultura da época às exigências da fé. As celebrações deixam de ter caráter festivo e coletivo e se tornam um rito nacional para poucos. Conforme Edson Rocha (2009), durante a Idade Média o cristianismo se tornou uma força de grande influência na Europa e as danças foram proibidas pela Igreja, pois apresentavam movimentos sensuais. A dança passou a ser mal vista pelas autoridades eclesiásticas.

O aspecto do dualismo corpo e alma, que também influenciou na repressão da dança na igreja. Na Idade Média, enquanto o corpo estava renegado, a religião era o único elemento de estabilidade. Havia um ambiente de muita opressão causada pela repressão da igreja e pelas guerras. Surge, então, um movimento chamado dançomania (mania de dança), que revelava os efeitos psicológicos que a opressão gerou na população. A concepção de corpo se torna uma questão não somente religiosa, mas também uma questão social, filosófica e política. A

relação entre culto e dança foi comprometida, devido ao enorme temor de uma possível mistura entre o sagrado e o profano (TORRES. 2007, p. 67).

O Papa Zacarias, no ano de 774, se decretou contra aos movimentos indecentes da dança para que não devessem mais ser manifestados nas igrejas. Entretanto, apesar dessa repressão, as pessoas continuaram a dançar mesmo que apenas em festas comemorativas. Nesse período, a Igreja se valia do medo dos fiéis ou da ignorância a respeito dos verdadeiros ensinamentos de Jesus. As ameaças eram reforçadas pela venda de indulgências em nome da salvação por Jesus. Quem não obedecia às ordens da Igreja era considerado rebelde e sofria punições severas, tais como prisões e condenações. Essas medidas tomadas pelas autoridades impunham o domínio da igreja sobre o povo.

Conforme Welington Lima (2012), por volta do século XII, a dança era utilizada na igreja católica somente de forma teatral durante os sermões públicos onde o inferno e o céu eram representados por personagens caracterizados e pintados. A única intenção era ilustrar a mensagem transmitida de maneira didática. Essa representação era chamada de Auto, gênero muito utilizado pelos jesuítas em Portugal.

O Renascimento iniciado no final do século XVI foi um período de grandes mudanças sociais, culturais, políticas, artísticas, dentre outras. Aos poucos, a dança foi perdendo sua característica espontânea, tornando-se sistematizada e elaborada por técnicas. Surge, assim, a figura dos mestres de bailes. Salvador (2011, p.16) observa “[...] que controlar os movimentos corporais codificados era mais fácil do que controlar a livre expressão do corpo em movimento, como ocorria nas danças dos povos primitivos.” Nesse momento histórico, a religiosidade perdeu força significativamente, uma vez que ali quem estava no centro do mundo era o homem.

## **2 A DANÇA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS**

### **2.1 Adentrando o Cenário**

A igreja protestante evangélica surge após a Reforma contra os ensinamentos e doutrinas impostos pela Igreja Católica Apostólica Romana no século XVI. Rodrigues (2014, p.27) aponta que “[...] a corrupção da igreja de um modo geral, como por exemplo, a venda de indulgências, foi levando alguns líderes a não se conformarem com a situação que a comunidade cristã estava

vivendo”. Naquela época, inicialmente não foi proposta uma nova religião e, sim, uma reforma contra as práticas que estavam ocorrendo. O monge e professor universitário Martinho Lutero foi um dos principais representantes da reforma protestante. Inevitavelmente surge uma nova igreja e converter-se a ela significava ir contra a tudo que estava imposto. Iniciou-se, durante esse período, o movimento das chamadas igrejas protestantes evangélicas tradicionais, que abrange as igrejas: Luterana (fundada por Martinho Lutero no século XVI), Presbiteriana (fundada por João Calvino no século XVI), Anglicana (fundada pelo rei da Inglaterra Henrique VIII no século XVI), Batista (fundada por John Smith e Thomas Helwys no século XVII) e Metodista (fundada por John Wesley século XVIII). No entanto, a mudança de postura com relação a aceitação da dança nas igrejas evangélicas ocorreu de maneira lenta. No século XX, surge em Los Angeles, um avivamento que origina uma vertente da igreja protestante: a igreja pentecostal (conhecida hoje como igreja renovada).

A palavra pentecostal vem do evento acontecido depois da morte de Jesus, no dia de Pentecostes, onde os discípulos estavam reunidos, receberam o Espírito Santo e falaram em outras línguas. Essa também é uma das principais diferenças entre o protestantismo e o pentecostalismo, o protestantismo histórico acredita nesse evento da descida do Espírito Santo e que os discípulos falaram em línguas, mas que esse seria único como registrado na bíblia e não como uma experiência possível a todos os cristãos. A experiência direta com Deus, por meio do Espírito Santo, é marca característica nessa linha do protestantismo. (RODRIGUES. 2014, p. 28)

Rodrigues (2014) ainda diz que essa liberdade dada aos fiéis durante os momentos de culto abre possibilidade de um culto menos formal com mais manifestações corporais que facilitaram a entrada da dança. Com passar do tempo, a visão de corpo e a relação entre sagrado e profano foi mudando, de forma que a dança voltou paulatinamente a tomar seu espaço e continua nesse processo. Vale ressaltar que ainda existem diversas linhas (denominações) do protestantismo que não aceitam a dança nem como prática pessoal e nem como parte do culto.

[...] uma das três divisões principais da Igreja Cristã Universal, formando, em conjunto com a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas, uma religião mundial. O protestantismo é o mais recente dos desenvolvimentos verificados no seio do cristianismo, tendo uma história relativamente breve de pouco mais de quatro séculos; os outros dois ramos da fé têm histórias que remontam aos primeiros dias da era cristã. Além disso, comparado à unidade que caracteriza os dois outros ramos, o próprio protestantismo divide-se em centenas de organizações separadas, algumas das quais recusam toda espécie de relações com as outras (DUNSTAN *apud* RODRIGUES. 2014. P. 12).

No Brasil, somente em meados da década de 1960 nota-se os primeiros intentos da dança nos cultos religiosos brasileiros. Luciana Torres (2007) relata que na década referida as igrejas passam por uma renovação em sua liturgia. Novos instrumentos são inseridos no período de louvor<sup>4</sup> e com ele, novos ritmos, incluindo ritmos brasileiros. Esse evento gerou o surgimento de pequenos gestos, o que abriria caminho para a dança posteriormente. Somente por volta de 1990 a dança entra no culto cristão como forma de louvor e adoração. Keila Carvalho (2006) define adorar como “[...] declarar-se servo de Deus, é comprometer-se com o serviço a Deus. A adoração é um ato de curvar-se diante de Deus reconhecendo Sua grandeza e Majestade” (CARVALHO. 2006, p. 156).

O movimento evangélico brasileiro passou por diversas transformações ao longo dos anos. No entanto, essas mudanças não aconteceram de maneira uniforme em todas as igrejas. A partir dessa perspectiva, é relevante compreender que a Igreja Evangélica atualmente encontra-se dividida em várias congregações, com visões distintas, em que cada uma enxerga a dança de uma maneira. Algumas igrejas não admitem tal manifestação artística dentro da liturgia de seus cultos, outras, no entanto, além de aceitar, investem na qualidade de suas danças, buscando inclusive aperfeiçoar as técnicas dos dançarinos.

O cristianismo evangélico é bastante ramificado com características muito diferentes entre as suas denominações e isso se reflete também na sua manifestação artística. Por exemplo, ainda existem igrejas como a “Deus é Amor” e algumas comunidades da “Assembléia de Deus” que por terem uma postura mais tradicional e rígida não admitem a dança nem como prática pessoal, quanto mais como uma parte dos seus momentos de adoração (RODRIGUES. 2014, p.113-114).

Wellington Lima (2012) diz que atualmente a dança enquanto linguagem pode ser classificada de três formas distintas: a étnica, a folclórica e a teatral:

A étnica inclui qualquer forma de dança que se origine em uma determinada cultura étnica e expresse a estética desta determinada cultura; a folclórica, que é uma forma de dança social que se desenvolveu como parte dos costumes e tradições de um povo; e a teatral, de finalidade prioritariamente estética e que se caracteriza pelo uso do corpo seguindo movimentos previamente estabelecidos ou improvisados e que é acompanhada ao som e compasso de música (LIMA. 2012, p. 02).

Lima (2012) comenta que com o passar dos anos, cada uma dessas danças passaram a adquirir movimentos específicos, passos e gestos peculiares, com significados próprios e que

---

<sup>4</sup> Período do culto em que as músicas são cantadas.

devem ser respeitados dentro de cada cerimônia específica. Este mesmo autor também questiona se esse tipo de dança não visa apenas uma ilustração dentro da liturgia realizada no culto. Essa preocupação se mostra pertinente, uma vez que o número de igrejas que se abriram para a dança tem aumentado de forma progressiva, logo o autor reflete se essa abertura não passa de um modismo ou se realmente está vinculada a uma manifestação religiosa e artística. É importante conhecer o significado das palavras culto e liturgia. Lima denomina culto como um encontro, a reunião da comunidade com o seu deus; já a liturgia é a forma como a comunidade apresenta este culto.

Em algumas igrejas e comunidades religiosas encontramos pessoas realizando um tipo de dança em momentos específicos do culto, denominada como "*dança litúrgica*". Esse estilo de dança é aceito dentro do culto das igrejas renovadas como forma de aproximar-se de Deus. Schallenger (2012) diz que a crescente complexidade das manifestações dançantes nos atos litúrgicos tem fomentado os mais variados aspectos que incluem a reconstrução do corpo, a integridade do ser, suas crenças, sua cultura, teologia e história. O autor indica ainda que a dança associada à arte e à beleza proporciona a experiência estética. No culto, encontro do ser humano com o sagrado, a dança aparece como possibilidade de “expressar o inexprimível” por meio da liturgia em uma dança religiosa, cujo objetivo é responder ao sagrado. Assim, a dança litúrgica manifesta-se como experiência religiosa e para isso se apropria da linguagem simbólica e ritual.

Vale ressaltar ainda a visão do filósofo dinamarquês, Soren Kierkegaard, quando compara o culto com os elementos que estão presentes no teatro. Sua preocupação se originara com os caminhos que a Igreja Luterana estava trilhando. Para ele, no teatro se encontra pelo menos três elementos: a platéia, que é o público para quem está sendo dirigida a mensagem; os atores, que são os que veiculam a mensagem; e o ponto, que é o que ajuda e serve de apoio para os artistas. Com estes termos e neste pensamento, uma possível comparação do teatro com o culto ficaria desta forma: a platéia sendo a congregação; os atores, o sacerdote, ou o pastor, ou o regente, ou o coro; e o ponto sendo Deus (o sagrado). Segundo Leila Gusmão e Westh Ney, quando se pensa em culto cristão, a comparação deve ficar assim: Deus (o sagrado) como platéia; a congregação, os atores; e o sacerdote ou pastor, o ponto. Em suma, culto é o encontro do ser humano com Deus e deste com aquele. A liturgia também mostra o que, na verdade, a igreja é. Isto, porque é na liturgia, mais do que em qualquer outra atividade, que a igreja se revela tal qual ela é (SCHALLENGER. 2012. p. 04-05).

Schallenger aponta que para os fiéis a dança enquanto religião deve transformar as formas e gestos em um ensinamento bíblico para o espectador, em que cada dançarino expresse sua

devoção e agradecimento. Ou seja, como instrumento de louvor e adoração, sentido genuinamente cristão. No entanto, devemos pensar que por mais que a dança nas igrejas seja preparada com o intuito de agradar a Deus, os fiéis participantes dos cultos também são espectadores que acabam recebendo sensações através das danças exibidas.

Além da adoração e do louvor, uma missão das igrejas cristãs é o evangelismo, que é o ato de pregar as mensagens da Bíblia por meio dos ensinamentos de Jesus Cristo. Percebe-se, nesse contexto, a vontade dos grupos em propagar o evangelho de Cristo por meio das apresentações, transmitindo mensagens de fé e amor por via de temas bíblicos. Esses temas estão agregados aos problemas políticos, sociais, culturais e espirituais. A vontade de fazer com que outras pessoas sejam transformadas por Deus, reflete a inquietação com a eternidade e o sagrado. Dessa forma, surge a *dança evangelística* que visa, através das mensagens cristãs, levar mais pessoas para dentro das igrejas, aumentando o número de membros.

Novos grupos começam a surgir e, como consequência, outros ritmos passam a ser dançados, dentre eles o balé e as danças urbanas. Surge uma preocupação com a técnica e a expressividade nos corpos dos bailarinos. Para muitas igrejas essas inovações devem estar ligadas diretamente aos valores cristãos. No entanto, a dança enquanto possibilidade artística a perspectiva é outra. Rodrigues (2014) afirma que existe uma busca consciente dos grupos em fazer tudo segundo a Bíblia, todas as inovações e possibilidades estéticas que surgem ao se levar para dentro da igreja têm que passar por um crivo: os princípios presentes no livro sagrado.

Schallenger (2012) acredita que a dança não conta uma história, não é uma duplicação da literatura, nem mesmo se parece com aquele jogo infantil em que a mímica permite adivinhar a palavra escolhida. Assim, a dança pode ser um indicador de transcendência. A experiência estética ante a dança pode ser uma ampliação e um enriquecimento da experiência da vida capaz de despertar uma significação mais total e mais plena da vida. É importante considerar que experiência estética é um conceito fortemente ligado às linguagens artísticas.

Após reformas geradas dentro da própria igreja evangélica, a leitura da Bíblia abriu-se a novas interpretações, em que a diversidade da dança é mostrada com outros sentidos, rompendo para algumas igrejas, com a visão medieval que reforçava a atividade profana e marginal do corpo. A dança está cada vez mais inserida nas igrejas evangélicas, "[...] tanto no que diz respeito à quantidade e qualidade das companhias e produções. Os grupos que antes não se

preocupavam com a profissionalização, hoje estão com seus trabalhos sendo apreciados por um público que não é do meio evangélico” (RODRIGUES. 2014, p. 12).

Lima (2012) constata que a dança está conquistando espaço no meio evangélico e precisa ser entendida não apenas como um elemento do culto, mas como forma cultural e artística na qual possa ser utilizada para divulgação da fé com técnicas formais, ou seja, por simples movimentos espontâneos quando as palavras já não são suficientes para a transmissão dessa fé.

## **2.2 Arte-Religião X Religião-Arte**

As características das danças presentes na igreja evangélica possuem concepções artísticas ou se enquadram somente em uma categoria religiosa? Estabelecer essa relação é uma tarefa delicada, pois uma das principais características da arte é a subjetividade. A bibliografia que contempla o olhar da arte sob a dança nas igrejas evangélicas ainda é muito restrita. A maioria dos autores que já escreveram sobre o tema focaram a discussão no âmbito da religião. Mas, do nosso ponto de vista, está aí a importância do nosso trabalho, uma vez que torna-se uma urgência debater as danças desenvolvidas nas igrejas (evangélicas, o caso aqui em questão), já que assim como as linguagens artísticas, a contemporaneidade e o próprio conceito de arte oferece-nos diferentes perspectivas e possibilidades.

Na pesquisa de dissertação de mestrado intitulada *A Dança no Movimento Evangélico no Brasil*, Renato Rodrigues (2014) propõe uma discussão sobre o conceito de arte presente nos discursos de literaturas evangélicas que tratam da dança nas igrejas para entender a concepção de arte contida nos textos selecionados. A bibliografia foi selecionada pelo pesquisador baseando-se na influência que algumas autoras possuem entre as igrejas que praticam a dança em seus cultos. As autoras escolhidas foram: Isabel Coimbra (Belo Horizonte - MG), Sarene Lima (Manaus - AM), Vivian Lazzerini e Marta Cedra (São Paulo - SP), Gisela Morandi Kohl Matos (Belo Horizonte - MG) e Adriana Pinheiro Diogo (Goiânia - GO). Apesar de apresentarem diferentes conceitos sobre o que é arte, um ponto é destacado por todas elas: existe diferença entre fazer arte dentro e fora da igreja. Para os evangélicos, a arte dentro da igreja possui uma função instrumental, como se fosse um veículo para alcançar um objetivo. Seja ele, evangelizar, louvar ou ensinar os princípios bíblicos. Mas seja também para fazer fruir ao fiel as mesmas ou outras

informações através de uma linguagem menos formal que a da leitura do texto escrito. Para eles, Deus é o criador de todas as coisas, inclusive da arte, então esta deve voltar-se a Ele.

Diante do que fora dito, cabe refletirmos se a arte para os não-evangélicos também não tem essa função instrumentalista: pois ainda que a arte esteja ligada à expressão, à sensação e à subjetividade, quem produz arte, consciente ou inconscientemente, quer comunicar algo interiorizado para alguém.

Essa reflexão sobre os conceitos de arte presente nos discursos de alguns autores evangélicos nos trouxe uma visão ainda que parcial de como o movimento da dança evangélica em nosso país vê a dança enquanto arte. Sabendo que não existe um só conceito de arte adotado por todos aqueles que fazem dança nesse ambiente, no entanto existem pontos em comum em seus discursos sobre o que seria arte e qual é a sua função na sociedade no geral e na igreja evangélica. De modo geral todos concordam que a dança foi criada por Deus e como sua criação deve voltar para ele. Outro ponto em comum defendido por todos os autores analisados é de que a arte é instrumento, vezes de evangelismo, de louvor de glória a Deus ou de ensino dos princípios bíblicos. (RODRIGUES, 2014, p.53).

Apesar da constatação em sua pesquisa, Rodrigues (2014) defende que uma manifestação artística não deve ser usada como instrumento para se alcançar outro fim, mas valorizada pela sua manifestação estética. Essa perspectiva instrumentalista da dança é uma realidade no meio das comunidades evangélicas. Entretanto, a presença da dança dentro das igrejas é bastante nova e os conceitos sobre o que é a dança e sobre arte ainda estão sendo construídos pelos seus participantes. Isso faz existir, então, visões diferentes dentro da mesma religião e também de pessoas que fazem a dança ter posicionamentos divergentes com relação ao seu papel. Ainda para Rodrigues (2014, p.47), “[...] a dança/arte utilizada nessa perspectiva instrumentalista se distancia do que alguns autores defendem ser a finalidade da arte. Para algumas correntes de estudo em arte, esta deve ser valorizada como experiência estética, simplesmente pela apreciação e não como um meio de se alcançar um objetivo outro.”

A significativa contribuição da pesquisa de Renato Rodrigues promoveu uma relação do que é considerado conceito de arte para as pessoas que dançam nas igrejas com as reflexões de teóricos como Hegel (2001), Fisher (1987), Medeiros (2006), Stigler (2007) e Rancière (2009). No entanto, pensamos que se tomarmos discursos desses e de outros teóricos clássicos como referência, teremos pouco avanço no reconhecimento da dança nas igrejas enquanto linguagem artística. Tal fato é verídico, uma vez que para alguns autores canônicos os critérios estabelecidos na relação Arte X Não-Arte estão estruturados em elementos formais e em estruturas pré-estabelecidas em conceitos restritos ao universo acadêmico tradicional.

No momento histórico em que nos encontramos é importante abrir-se às novas possibilidades e reconhecer nelas inovações artísticas, teóricas e metodológicas. Ainda que difícil, torna-se importante (re)ler as opiniões dos pensadores clássicos e modernos para também reformularmos novos conceitos teórico-críticos para atender a diversidade artística da contemporaneidade, conforme expõe Greiner:

Não é nada fácil mudar as metodologias tradicionais. No entanto, parece uma atitude necessária diante das crises políticas que evidenciam cada vez mais a clivagem moderna que insistiu em separar natureza e cultura, humanidade e animalidade, civilização e barbárie. O perspectivismo ameríndio, estudado por Viveiros de Castro (2009), aponta novas direções, reconhecendo condições comuns, estados de ser onde corpos e nomes, o eu e o outro se interpenetram, mergulhados num mesmo ambiente pré-subjetivo ou pré objetivo (GREINER. 2010, p. 31).

Propomos aqui, mediante a noção de necessidade de apontamentos de “novas direções”, uma reflexão que caminha em outro sentido do já posto: a atividade do corpo em movimento expressivo dentro das igrejas é algo recente, logo, precisamos enxergar esses indivíduos como corpos que dançam na contemporaneidade e relacioná-los com os conceitos sobre arte a partir de autores contemporâneos que defendem novas possibilidades artísticas relacionando nosso atual contexto com o que fora estabelecido também por autores clássicos. Portanto, *a priori*, dizer que dança nas igrejas evangélicas é ou não é arte sem estudá-la, nada mais é que categoriza-la e separa-la em uma “caixinha isolada”. Afinal, as relações clássicas não atendem plenamente as visões contemporâneas. Christine Greiner (2010, p.47) explicita que “[...] a ação de territorializar tem sido definida por filósofos e etologistas como a possibilidade de qualificar um ambiente, deslocando-o de um contexto para outro (e, portanto, criando novos).”

A contemporaneidade diminui as barreiras entre as categorias de dança e de arte. Atualmente, as igrejas evangélicas que praticam a dança durante os cultos têm mostrado preocupação na preparação dos corpos dos bailarinos. Muitas igrejas investem em consciência e preparação corporal, sensibilidade e expressividade artística. Salvador (2011) indica “[...] que o que torna a dança uma linguagem artística é a possibilidade de expressão que ela proporciona, e que é o resultado direto das sensações e impressões do artista em relação a algo que o toca. Então, aguçar os sentidos ganha destaque no trabalho de consciência corporal.”

Ainda que motivados pela religião, é possível verificar dentro das igrejas a preocupação com práticas de excelência. Nesses locais sagrados, o termo excelência está associado a fazer o melhor possível, uma vez que a prática é voltada para Deus. Para isso, na preparação dos

bailarinos é constantemente incentivado o aprimoramento de técnicas e criatividade na organização de suas coreografias. Por mais que alguns bailarinos não abram mão da relação religião-arte, o trabalho com o corpo os levam a preocupação com a arte-religião. Para Salvador:

Coreografar é organizar, é dar forma ao que se explorou no processo de percepção, de consciência, de improvisação e do possível uso de técnicas. Podemos ainda dizer, que coreografar é deixar que a unidade orientadora de nossas percepções – o corpo – assuma formas e concretize suas afetações, o que justifica a organização estética na dança (2011, p.60).

No requisito de preparação do corpo, o trabalho dos bailarinos que dançam dentro das igrejas são praticamente os mesmos dos que dançam fora dela. Apesar das poucas décadas que a dança adentrou nas igrejas, hoje é possível encontrar espalhadas pelo Brasil diversas escolas profissionalizante para bailarinos cristãos de diversos gêneros que percorre do clássico ao contemporâneo. Além disso, festivais e conferências anuais são promovidos por grupos e igrejas evangélicas, contando inclusive com participação de público do meio secular (de fora das igrejas):

A partir desse breve histórico, pudemos observar que o corpo contemporâneo é entendido como uma infinita possibilidade de expressão. É um corpo disponível, capaz de se articular e de dialogar com todas as áreas de estudo e de estética. Agora, partindo dessa compreensão sobre o corpo, podemos falar do movimento na dança, ou seja, do movimento desse corpo que não nega nada, mas agrega todas as experiências em si, um corpo que pode se comunicar expressivamente e que, conseqüentemente, pode dançar sua totalidade (SALVADOR 2011, p.26).

Ainda de acordo com Salvador (2011, p.59): “[...] compor uma obra de arte pode ser entendido como a tentativa de organização das sensações e impressões causadas por algo que nos toca. Essa organização é a concretização estética da obra, seja ela um quadro, uma cena, uma música, uma coreografia, etc.” Ainda que a preparação das exibições nas igrejas e festivais sejam com objetivos ligados a mensagens da Bíblia, o espectador mantém relação direta com a obra apresentada, sendo conduzido para algum tipo de experiência estética a partir de sua própria subjetividade. Greiner (2010) diz que há muitas maneiras de descrever como um conteúdo é incorporado e que toda performance corporal carrega e reinventa o tempo e os processos comunicacionais. Assim, podemos deduzir que por mais que carregue mensagens religiosas, a dança é capaz de comunicar e provocar diferentes sensações promovendo a transposição da sacralidade da dança para a linguagem artística.

Em seu livro *As Danças no Candomblé*, Larissa Michele Lara (2008) registra importantes conceitos a respeito da dança religiosa enquanto possibilidade artística. Não pretendemos aqui

estabelecer relação entre o Candomblé e o Cristianismo Evangélico enquanto religião, pois ambas as religiões apresentam características específicas que em muitas coisas convergem, mas sim focar na relação Arte X Dança Sagrada. Assim como na religião cristã evangélica o contato com Deus é a relação mais sagrada que existe, no candomblé existem os mitos dos orixás, que são tão sagrados quanto a dos cristãos.

Algumas correntes teológicas nomeiam a dança cristã como dança sacra e ritualística. Esse termo também está associado às danças dos orixás no candomblé. No entanto, é importante ressaltar que não tratamos desse tipo de dança nessa pesquisa. Essa categoria está relacionada ao contato íntimo do humano com seu ser superior que muitas vezes se dá através do transe por meio de manifestações espirituais. O objeto dessa pesquisa é a dança apresentada dentro das igrejas enquanto manifestação artística. Larissa Michele Lara diz que a dança enquanto experiência artística:

[...] deve partir primeiro, do processo de sensibilização corporal, marcado pela respiração, pelo estímulo de sentidos do corpo, pelo reconhecimento de suas partes constituintes, por experiências corporais que despertem a sensibilidade e o reconhecimento das limitações no sentido de fomentar uma abertura a novos aprendizados. [...] O processo de criação passa a ser explorado a partir do momento em que o corpo foi potencialmente sensibilizado, desenvolvendo inúmeras experiências corporais. (LARA. 2008, p.118)

Lara (2008) ainda pontua que na dimensão da arte, os mitos passam a ser espetacularizados a partir do autocontrole adquirido pelos dançarinos, pois são os humanos a determinarem quando e como acontecerá o jogo cênico. Ou seja, ainda que movidos pelo conteúdo religioso, é o homem quem direciona o evento espetacular e é esse direcionamento que orienta as emoções dos bailarinos no sentido de neutralizar o transe ocorrido em manifestações espirituais religiosas, tornando as igrejas um espaço cênico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dança é uma expressão do corpo que acompanha o ser humano desde a origem do mundo e esteve presente em diferentes locais e épocas, em cada uma delas e repleta de significados. A origem da dança permite perceber que ela esteve ligada ao sagrado e servia para aproximar o homem de um ser superior.

As igrejas cristãs evangélicas acreditam que a origem do mundo se deu através de um único Deus criador que fez todas as coisas. O início da igreja cristã é mostrado nos livros bíblicos do Novo Testamento posteriores à morte de Jesus Cristo, o filho de Deus que deixou na terra discípulos que espalharam seus ensinamentos. Esse movimento ficou conhecido como Cristianismo e ganhou força quando o imperador romano Constantino converteu-se à doutrina cristã. Para melhor controlar a população das camadas sociais menos favorecidas à época, a igreja proibiu a prática da dança entre seus fieis. Surgiu então a igreja protestante, que deu origem às conhecidas igrejas evangélicas. A dança retornou para o culto religioso muito lentamente. Somente nas últimas décadas a dança ganhou espaço efetivo em alguns templos religiosos, abrindo-se a novos conceitos e diferentes possibilidades.

É comum observar pessoas ou grupos dançando durante os cultos, principalmente no período de louvor. Se, por um lado, existem igrejas que reconhecem a importância da atividade do corpo nas apresentações dentro dos cultos, para outras igrejas é muito complexo relacionar corpo, dança e liturgia, questionando se dançar para Deus é algo correto, pois atualmente é muito difícil conseguir ver traços de sacralidade no corpo e na dança.

Muitas igrejas têm investido na profissionalização do bailarino que dança em seus cultos, preocupando-se com consciência e sensibilização corporal, técnicas, práticas corporais e criatividade nas coreografias, características estas da dança enquanto linguagem artística. Para muitos religiosos, a arte e as danças religiosas têm um caráter instrumentalista, pois serve para atingir um objetivo específico, seja ele de adoração, evangelismo ou ensino. A característica instrumental desprivilegia a dança das igrejas como prática artística se comparado às reflexões de teóricos clássicos que conceituaram a arte com elementos formais que vão desde a técnica utilizada no desenvolvimento ao espaço expositivo daquela arte. Apesar de apresentarem diferentes conceitos sobre o que é arte, um ponto é destacado pelas pessoas que dançam nas igrejas: existe diferença entre fazer arte dentro e fora da igreja.

A dança das igrejas evangélicas só será considerada arte fora das igrejas se lançarmos um olhar contemporâneo sobre ela e sobre os corpos que dançam na contemporaneidade. A comunicação desses corpos por meio da expressividade se dá de maneira infinita se pensarmos que o espectador que contempla a obra carrega consigo uma subjetividade própria, proporcionando uma experiência estética ainda que em um ambiente religioso. São corpos que traduzem o impulso do sagrado por meio da transposição das mensagens. Categorizar as danças

nas igrejas evangélicas apenas como práticas religiosas é negar toda arte produzida longe dos discursos clássicos.

Como pesquisadores e observadores da dança nas igrejas evangélicas, acreditamos que essa modalidade de dança vai além da prática religiosa e torna-se possibilidade artística, já que ali também há toda uma preocupação com o trabalho corporal e coreográfico, pois enquanto favorecermos unicamente os discursos hegemônicos que privilegiam uma noção canônica de dança, estaremos rebaixando a arte produzida em outros âmbitos. Diferentemente da dança ritualística, onde o corpo entra em estado de transe através do contato com o sagrado, a dança pode ser considerada arte a partir do momento em que o humano assume o controle de seu corpo e prepara uma apresentação perante o público com todas as características necessárias de qualquer outro espetáculo artístico. Ainda que seja uma transposição das mensagens religiosas contidas na Bíblia, quando o homem organiza um espaço cênico, um figurino, uma coreografia para mover seu corpo de maneira expressiva, a dança deixa de ser unicamente manifestação religiosa e passa a ser arte — daí dar-se a relação por nós privilegiada Arte-Religião X Religião-Arte.

Enfim, assim como o artista francês Marcel Duchamp (1887-1968) ousou afirmar que tudo é obra de arte, desde que validada por um “outro” (discurso), buscamos aqui corroborar essa dança nas igrejas evangélicas como possibilidade artística, uma vez que devemos beber em fontes contemporâneas (ainda que em cálices de ouro) para pensarmos as práticas que ocorrem na atualidade e abrir caminhos respeitosos, diminuindo as fronteiras entre o que foi teorizado pelos pensadores clássicos e/ou modernos com as práticas da/na atualidade.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA.** Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. atual. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri: 2000.

CARVALHO, Keila Márcia Ferreira de Macêdo. **O corpo como espaço de louvor e adoração mediante a dança.** Dissertação (Mestrado do Curso de Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. Defendida em 20/02/2016.

GOMES, Ingrid Rodrigues. **O lugar da dança no contexto religioso cristão católico:** primeiros indícios. CEAFI - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás: 2012.

GREINER, Christine. **O Corpo em Crise: Novas Pistas e o Curto-Circuito das Representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

LARA, Larissa Michelle. **As danças no candomblé: corpo, rito e educação**. Maringá: Eduem, 2008.

LIMA, Wellington Fernandes. **Dança Litúrgica: Modismo ou Manifestação Cultural**. Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, Jataí: 2012.

ROCHA, Edson Leonel. **O Louvor e a Adoração através da Dança**. Fragmentos da Cultura, Goiânia: 2009.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. **A Dança no Movimento Evangélico no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Defendida em 18/06/2014.

SALVADOR, Gabriela di Donato. **Histórias e propostas do corpo em movimento: Um Olhar para a Dança na Educação**. Unicentro, Paraná: 2010.

SCHALLENBERGER, Djoni. **Dança Litúrgica: Símbolo, Rito, Linguagem Religiosa e Cultural**. Teologia & Espiritualidade – Revista Eletrônica da Faculdade Cristã de Curitiba, Curitiba: 2012.

TORRES, Luciana Rodrigues Pinheiro. **Dança no culto cristão**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007. Defendida em 25/04/2007.